

O FRÁGIL ECOSSISTEMA DO BOM SENSO

“A derradeira pergunta na adoção de tecnologias não é se preferimos um problema ou a sua solução (como no marketing), mas com que problemas preferimos viver (como na vida real)”

Tiago Macaia Martins
Associado principal da Eversheds Sutherland



Nestes dias, com a inteligência artificial a entrar em quase todos os debates, artigos e anúncios de fiambre, temos uma capacidade básica em risco. Poderemos ter outras, mas esta vale a pena classificar como espécie protegida, porque perdê-la é também prescindir dessa espécie do género “jurista” que dá o nome a esta revista.

Já percebemos que um(a) bom(a) advogado(a) é mais do que uma “máquina” do direito. Fala-se cada vez mais dos chamados *soft skills*, e ainda bem, porque as tais máquinas, entretanto, chegaram.

Dentre esses *soft skills*, o que me parece mais ameaçado pelo uso reiterado de IA no trabalho é tão difícil de definir como fácil de reconhecer. Refiro-me àquele espírito crítico agudo, àquela sensibilidade afiada ao que é razoável a que tomo a liberdade de chamar “bom senso” (não como detentor, mas como parte interessada).

Uma premissa básica do meu argumento é esta: passar o dia em frente ao computador está para a forma física como em frente ao ChatGPT (ou equivalentes) para a forma intelectual. O argumento, por sua vez, é este: (1) é de bom senso protegermo-nos desse risco; (2) se não o fizermos, de bom senso pouco nos restará.

O marketing destas ferramentas sugere que nos vão libertar das tarefas intelectuais mais básicas e aborrecidas para nos podermos finalmente concentrar nas intelectualmente mais exigentes e interessantes. Contudo, estudos recentes desafiam esta lógica: parece que os “tijolos” intelectuais de que precisamos para as tarefas mais básicas tendem a ser necessários para as mais complexas. Por outras palavras: se não nos treinarmos regularmente nas tarefas intelectualmente mais simples e repetitivas, perdemos a habilidade de realizar as mais complexas e inovadoras. Como alguém resumiu recentemente a questão: *“it’s now easy to be stupid”*.

No plano físico, isto é claro. Quem não se habitua a correr 100 metros, não se aguenta numa maratona. No plano intelectual, parece que o chamado *“cognitive offloading”* (pormos a tecnologia a pensar por nós) tem um preço semelhante.

Claro que não há aqui uma relação de causa-efeito, mas de influência-tendência. Uma pessoa que passa o dia ao computador ou a conduzir *pode* estar em forma física, mas tende sempre para o oposto. Por isso, tentamos compensar a sedentariedade do nosso trabalho com desporto, atividades ao ar livre, etc. A falta de forma física tem ainda a vantagem de ser visível. Mesmo assim, precisamos de disciplina, planeamento e intencionalidade.

A sedentariedade intelectual, por outro lado, é um problema mais difícil de resolver. Desde logo, como a experiência social demonstra, mascara-se de sofisticação com alguma facilidade. Por outro lado, na medida em que cria um habitat hostil ao bom senso e ao espírito crítico em geral, sufoca o seu próprio antibiótico (o espelho intelectual), subtil e lentamente.

Tipicamente, a tecnologia que resolve um velho problema tende a gerar novos como subproduto. Por isso, a derradeira pergunta na adoção de tecnologias não é se preferimos um problema ou a sua solução (como no marketing), mas com que problemas preferimos viver (como na vida real). É, por isso, urgente refletirmos abertamente sobre estes e outros riscos, e sobre as medidas que podemos usar para os mitigar, em vez de andarmos numa espécie de corrida ao ouro antes de sabermos se tocamos na mão de Midas.

Chegados aqui, talvez alguém ache a abordagem demasiado cautelosa com estas tecnologias. Com sorte, caro(a) leitor(a), talvez isso seja o seu bom senso a falar. ■

The fragile ecosystem of common sense

These days, with artificial intelligence entering almost every debate, article and [ham advertisement](#), we have a basic skill at risk. There may be others, but this one is worth classifying as a protected species, because losing it also means doing without that species of the genus "legal expert" which gives this magazine its name.¹

We already realised that a good lawyer is more than a legal 'machine'. There is increasing talk about the so-called soft skills, which is fortunate, because the *real* machines have meanwhile arrived.

Among these soft skills, the one that seems most threatened by the repeated use of AI at work is as difficult to define as easy to recognise. I am referring to a sharp critical spirit, a keen sensitivity to what is reasonable, which I take the liberty to call "common sense"² (not as holder, but as interested party).

A basic premise of my argument is this: spending the day in front of a computer stands to physical fitness as spending the day in front of ChatGPT (or equivalent) to intellectual fitness. The argument, in turn, is this: (1) it would be common sense to protect ourselves from this risk; (2) if we do not, there may not be much common sense left to tell the story.

The marketing of these tools suggests that they will free us from the most basic and boring intellectual tasks so that we can finally focus on the most intellectually demanding and interesting ones. However, recent studies³ challenge this logic: it seems that the intellectual building blocks we need for the most basic tasks tend to be necessary for the most complex ones. In other words, if we do not regularly exercise with the simplest and most repetitive intellectual tasks, we lose the ability to perform the most complex and innovative ones. As someone recently summed up the issue: "it's now easy to be stupid".⁴

On a physical level, this is clear. If you don't get used to running 100 metres, you won't be able to run a marathon. On an intellectual level, it seems that so-called "cognitive offloading" (letting technology do the thinking for us) comes at a similar price.

Of course, there is no cause-and-effect relationship here, but rather one of influence-and-tendency. A person who spends the day at the computer or driving *may* be physically fit, but always tends towards the opposite. That is why we try to compensate for the sedentary nature of our work with sport, outdoor activities, etc. Lack of physical fitness also has the advantage of being visible. Even so, we need discipline, planning and intentionality.

Intellectual sluggishness, on the other hand, is a trickier problem. First of all, as social experience shows us, it is easily masked as sophistication. On the other hand, to the extent that it creates a habitat hostile to common sense and critical thinking in general, it subtly and slowly suffocates its own antibiotic (the intellectual mirror).

¹ The magazine's name is "Advocatus", Latin for "lawyer".

² In Portuguese, we have two different expressions for "common sense": "senso comum" and "bom senso". The first relates to a kind of general but superficial knowledge of the world. The second, as my text suggests, relates to a capacity to make assessments based on reasonability and similar critical reasoning. In this text, I am talking about the latter sense.

³ I refer to two here: [Oakley, Johnston, Chen, Jung, Sejnowski, "The Memory Paradox: Why Our Brains Need Knowledge in an Age of AI"](#); [Gerlich, "AI Tools in Society: Impacts on Cognitive Offloading and the Future of Critical Thinking"](#).

⁴ [Are we living in a stupidogenic society?](#)

Typically, technology that solves an old problem tends to generate new ones as a by-product. Therefore, the ultimate question in adopting technologies is not whether we prefer a problem or its solution (as in marketing), but which problems we prefer to live with (as in real life). It is therefore urgent to reflect openly about these and other risks, and about the measures we can use to mitigate them, rather than throwing ourselves into a kind of gold rush before we know whether we are touching Midas' hand.

At this point, some may find my approach to these technologies overly cautious. Luckily, dear reader, that will be your common sense's whispering.